



VII Simpósio Nacional de História Cultural
**HISTÓRIA CULTURAL: ESCRITAS, CIRCULAÇÃO,
LEITURAS E RECEPÇÕES**

Universidade de São Paulo - USP

São Paulo - SP

10 e 14 de Novembro de 2014

**A CONSTRUÇÃO DA NAÇÃO PORTUGUESA EM ALEXANDRE
HERCULANO NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XIX**

Larissa da Costa Oliveira*

Este texto discorre sobre parte do projeto de mestrado intitulado *A construção da nação portuguesa em Alexandre Herculano na primeira metade do século XIX*. Dentre os principais objetivos está pensar no desenvolvimento de um apelo ao sentimento nacional por meio da obra *O bobo*, e de que modo Alexandre Herculano representou a nação portuguesa em seus escritos.

Para tal, procura-se compreender como Alexandre Herculano recortou e, de certa forma, reelaborou o passado medieval português ao mesmo tempo em que dialogava com seu presente para construir o que seria a nação portuguesa. Esta pesquisa tem sido feita procurando relacionar autor-obra-contexto, como foi colocado por Skinner ¹, ao mesmo em que também é feita uma interpretação da obra em si, mas sempre em diálogo com a trajetória de Herculano, sua sociedade e sua temporalidade ².

* Possui graduação em História e atualmente é aluna de mestrado em História na Universidade Federal de São Paulo – Unifesp com projeto intitulado *A construção da nação portuguesa em Alexandre Herculano na primeira metade do século XIX*, que teve início no ano de 2014 sob orientação da professora dr^a. Ana Lúcia Lana Nemi e financiado com bolsa de mestrado FAPESP.

¹ SKINER, Quentin. “Significado e compreensão na história das ideias”. In: *Visões da política: sobre os métodos históricos*. Portugal: Difel, 2005.

² SKINER, Quentin. “Significado e compreensão na história das ideias”. In: *Visões da política: sobre os métodos históricos*. Portugal: Difel, 2005.

A preocupação com relação à Idade Média foi bastante comum entre os intelectuais do século XIX, que procuravam dialogar a existência da nação com o que seria a sua essência, encontrada nos costumes, tradições, dentre outros. Nesse sentido, buscar contos e lendas nos antigos arquivos nacionais, (re)escrevê-los e publicá-los, se tornou um costume comum destes letrados³. É neste movimento que se insere o romance aqui estudado, “O Bobo”, publicado primeiramente em 1843 nas páginas do periódico *O Panorama*, e publicado em livro um ano após a morte de seu autor, em 1878⁴.

A trama versa sobre o ataque do príncipe Afonso Henriques ao castelo de Guimarães, onde se encontravam sua mãe, então rainha D. Thereza, e o amante castelhano, Conde da Trava. O personagem principal que dá nome ao romance é o bobo da corte, dom Bibas que, como uma forma de vingança contra o conde estrangeiro, mostrou uma passagem secreta aos cavaleiros do príncipe, o que lhes permitiu vencer a batalha. Este episódio conhecido como a batalha de S. Mamede foi tido como marco inicial da existência de Portugal enquanto nação independente. Por meio dele, infere-se que Herculano construiu uma visão sobre a história de Portugal, suas origens, e sua essência.

Por meio da seleção deste tema pode-se também realizar uma aproximação com o século XIX, no qual nações lutavam para manter sua existência – principalmente as geograficamente pequenas, como é este caso – frente ao período de expansão imperialista e nova organização do mapa europeu⁵. Deste modo, valorizar a nação era uma das preocupações dos letrados portugueses e isto pode ser observado neste romance de algumas formas. Uma delas é o modo como é colocada a importância de Portugal ao longo da história do mundo ocidental:

Quaes seriam hoje as relações do Oriente e do Novo Mundo com o Occidente, se Portugal tivesse perecido no berço? Quem ousará dizer: sem Portugal a civilização do genero-humano seria hoje qual é? [...] Este paiz, cujos destinos eram o conquistar para o christianismo e para a civilização três partes do mundo, devia ter em recompensa unicamente a gloria: e a gloria delle é tanto maior quanto, encerrado na estreiteza

³ CATROGA, Fernando. “Alexandre Herculano e o Historicismo Romântico”. In: TORGAL, L.R.; MENDES, J.A.; CATROGA, F. (Autores). *História da História em Portugal: séculos XIX-XX*. Portugal: Temas e Debates, 1998. Cap. 2, pp.45-98, v. 1: A História através da História.

⁴ As fontes foram acessadas e estão inteiramente disponíveis online na seção da Biblioteca Digital, no site da Biblioteca Nacional de Portugal. <<http://purl.pt/23739>>.

⁵ HOBBSAWM, Eric J. *A Era das Revoluções: Europa 1789-1848*. Rio de Janeiro: Paz e Terra; 2009. 24ªed. 464p.

de breves limites, o seu nome, que retumbou por todo o globo, pertence a um povo sumido no meio dos grandes imperios da terra.⁶

Por meio destes trechos, é notável que a relevância de sua nação não se restringe ao que ela realizou para ela mesma, mas pode-se observar uma acentuação no seu papel fundamental para o desenvolvimento de todo o mundo ocidental. Nesse sentido, pode-se afirmar que ao fazer tal afirmação, selecionando o episódio de independência, o autor procurou causar uma relação de dependência, próxima à gratidão, dívida do mundo ocidental para com Portugal.

Relevando seu papel na luta contra os “mouros” e nas grandes navegações de exploração do globo, Herculano reconheceu que Portugal teria “decaído”, mas procurou ressaltar sua relevância histórica para legitimar a viabilidade de sua existência. Isso também se deu com a tentativa de dar um sentido para a história, tão cara aos historiadores do século XIX, para os quais a história caminhava em uma direção rumo a uma ideia de progresso.

A preocupação com o tamanho geográfico do país também é evidente. A busca por legitimar sua existência e potencial, afirmando que com tão pouco tamanho conseguiu atingir tudo que havia conquistado, é uma tentativa de afirmação do próprio território português. Principalmente frente ao território de Espanha em uma época de fronteiras fluídas.⁷

Ao mesmo tempo, Herculano afirmou nesta e em outras obras⁸ que a fundação de sua nação sempre foi baseada em fatos e documentos recolhidos nos arquivos, relevando que Portugal foi consolidado com base na vontade e na ação humana terrena⁹ – e somado a isso uma vontade divina da providência, mas que não foi a única condicionante de sua existência. Nesse sentido, o autor criticou o mito de Ourique e outros

⁶ HERCULANO, Alexandre. “O bobo”. In: *O panorama: jornal litterario e instructivo da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Úteis*. V.2, 14/janeiro/1843. Lisboa: Imprensa da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Úteis, 1837-1868. p. 11-12.

⁷ HOBSBAWM, Eric J. *A Era das Revoluções: Europa 1789-1848*. Op. cit. MATOS, Sérgio Campos. *Historiografia e memória nacional no Portugal do século XIX (1846-1898)*. Lisboa: Colibri, 1998. 578 p.

⁸ Durante a elaboração da monografia para o curso de graduação em História, foram estudados quatro contos de Herculano publicados em *O Panorama* e posteriormente em livro. São eles: *A abóbada*; *O bispo negro*; *O Lidador*; e *O Castelo de Faria*. In: HERCULANO, Alexandre. *Lendas e Narrativas*. 2.ed. Lisboa: Casa da Viúva Bertrand, 1858. Disponível em: Biblioteca Nacional Digital. <<http://purl.pt/264>> edição de 1858, 2 v.

⁹ CATROGA, Fernando. “Alexandre Herculano e o Historicismo Romântico”. *Op. cit.*

mitos estritamente religiosos, buscando demarcar historicamente a fundação de sua nação com uma base que não poderia ser questionada, ao contrário de um foco religioso ¹⁰. Pode-se também notar no seguinte trecho, que além de ter sido criada pela vontade, esta nação é uma sobrevivente das diversas vezes que tentaram sufoca-la, relevando sua característica de força:

Dessa frouxidão dos laços sociais nasceu a nação portugueza.... e no modo porque esta planta debil e tenra pôde escapar ás repetidas procellas, que a cercavam nos primeiros dias da sua vegetação, descobrem os olhos mais incredulos a mão da Providencia. [...] Mas a existencia da monarchia portugueza estava decretada na mente de Deus ¹¹

Fernando Catroga ¹² afirmou que em Herculano há a exaltação de uma história de Portugal baseada na revolução e na conquista, construída pela vontade dos portugueses, uma qualidade que estaria na alma da nação. E, segundo o autor, isto também estaria em diálogo direto com a defesa do governo cartista de D. Pedro IV que ascendeu ao poder por meio da revolução e por quem Herculano lutou durante os anos 1830. Deste modo, Herculano mostra sua face de historiador utilizando o que seriam documentos – mesmo em seus textos literários – para tentar provar as condições de ascensão e permanência de Portugal, legitimando seu próprio governo contemporâneo.

O historiador Sérgio Campos Matos ¹³ assinala a função doutrinária destes escritos literários para reinventar um passado idealizado, focado na Idade Média. A partir da análise de personagens e valores presentes no romance é possível compreender uma noção do que seria melhor para Portugal, ou seja, o que se deveria lembrar e imitar – por exemplo a força e a honra – e o que se deve evitar. É importante frisar que o século XIX foi um período de crise, conturbado, no qual grande parte da população era pobre e analfabeta. Os letrados procuraram valorizar um passado que havia sido glorioso, mostrando que Portugal já havia sido grande e estes valores estariam em sua história.

¹⁰ MATOS, Sérgio Campos. *Historiografia e memória nacional no Portugal do século XIX (1846-1898)*. Op. cit.

¹¹ HERCULANO, Alexandre. “O bobo”. op. cit. p. 11-12.

¹² CATROGA, Fernando. “Alexandre Herculano e o Historicismo Romântico”. *Op. cit.*

¹³ MATOS, Sérgio Campos. *Historiografia e memória nacional no Portugal do século XIX (1846-1898)*. Op. cit.

Nesse sentido, seriam valores a serem reincorporados na sociedade contemporânea para que a situação pudesse mudar ¹⁴. Note-se o seguinte trecho:

Pobres, fracos e humilhados depois dos tão formosos dias de poderio e renome, que nos resta senão o passado? Lá temos os thesouros dos nossos affectos e contentamentos, em quanto no presente só achâmos vacuos e tristeza. Esqueçamo-nos pois della, e vivamos de vida melhor, a de nossos avós. O trato dos que foram grandes e fortes restaurará talvez o sentimento moral, moribundo nos corações da geração que ora passa. Sejam as memorias da patria, que tivemos, o anjo de Deus que nos revoque á energia social e aos santos affectos da nacionalidade. Que todos aquelles a quem o engenho e o estudo habilitam para os graves e profundos trabalhos da historia se dediquem a ella. No meio de uma nação perdida, mais rica de tradições, o mister de recordar o passado é uma especie de magistratura moral, é uma especie de sacerdocio. Exercitem-no os que podem e sabem; porque não o fazer é um crime [...]. Oxalá ella [a juventude] possa esquecer-nos, cobrindo-nos os restos com uma capa lisa e sem nome. Será essa a melhor prova de que nos perdoou o havermos sido indignos do que foi e do que será, o havermos sido uma lacuna tenebrosa no livro tão illustre e poetico da linhagem portuguesa. [...] Contarvos-hemos, pois, uma historia do tempo antigo, aspera e mal limada como elle; uma historia da infancia da monarchia. Tenebrosa e má foi essa infancia; porem não tanto tenebrosa e má como sua velhice. ¹⁵

Aqui podemos observar certo ressentimento devido aos seus dias contemporâneos não terem a mesma fama e renome que o autor acreditava ter existido no passado. É uma visão de que o compromisso do povo português para com sua história foi falho, e caberia então aos historiadores relembrar os valores nobres da nação para tirá-la deste estado. Nesse sentido, o estudo destas tradições políticas medievais e a invenção de uma época romanceada foi também parte do enraizamento contemporâneo do liberalismo, possibilitando a construção de uma soberania nacional baseada na história como grande legitimadora do presente ¹⁶.

Um modo de fazê-lo seria, portanto, divulgando este conhecimento do passado para a população em uma forma que atraísse sua atenção, no caso, um romance em um periódico. Temas como o amor trágico, a morte, o grotesco e a história eram comuns e muito utilizados no caso de Herculano para comunicar outros conteúdos mais sérios que,

¹⁴ FRANÇA, José-Augusto. *O romantismo em Portugal – estudo de factos socioculturais I: os anos de inocência, os anos de loucura*. Castelo Branco: Horizonte; 197?.

¹⁵ HERCULANO, Alexandre. “O bobo”. op. cit. p. 12.

¹⁶ NEMI, Ana L. L. “Alexandre Herculano e a escrita da história no conto ‘A Abóbada’”. In: ALMEIDA, Néri de Barros; NEMI, Ana L. L.; PINHEIRO, Rossana A. B. (Orgs.). *A construção da narrativa histórica: séculos XIX e XX*. Campinas: Editora da Unicamp, São Paulo: Fap-Unifesp, 2014.

muitas vezes, não agradariam tanto ao público se não estivessem imbuídos em uma trama dramática e amorosa. Ao criar uma representação da Idade Média idealizada, o autor também procurava atrair a atenção do público que se formava para a nova literatura romântica do século XIX.

O periódico *O Panorama*, no qual circulou o romance, foi fundado em 1837 pela Sociedade Propagadora de Conhecimentos Úteis, também fundada no mesmo ano. João Bartolomeu Rodrigues caracteriza a Sociedade como uma instituição ligada à difusão da cultura – uma cultura letrada, escrita, voltada para a ideia iluminista de conhecimento combatendo a ignorância e buscando o progresso para se equivaler aos outros países considerados mais desenvolvidos.¹⁷ Segundo Sant’Anna, a Sociedade tinha por objetivo principal promover o desenvolvimento da educação em Portugal, principalmente difundindo o “conhecimento” por diversos meios possíveis. O principal meio encontrado para isso foi o periódico *O Panorama*,¹⁸ impresso na tipografia da própria Sociedade, em Lisboa.¹⁹

O periódico também tinha o apoio da monarquia portuguesa, principalmente da rainha D. Maria II e da infanta D. Maria Isabel, dentre outros nomes da nobreza, representantes do Constitucionalismo. Mais um sinal da ligação entre o periódico, seus conteúdos e o regime liberal em vias de se institucionalizar, que havia sido defendido por Herculano.²⁰

Seu conteúdo deveria ser enciclopédico, literário e instrutivo, para todas as camadas da população, ou seja, procurava divulgar conhecimentos variados e ser um formador de opinião. A ideia de utilidade do passado passou a ser intrínseca aos seus conteúdos, visto que o passado seria valorizado se fosse socialmente útil, relacionado com as preocupações do presente²¹. Os “conhecimentos úteis” tinham de ser passados para o público para que este aprendesse, neste caso, sobre sua história em episódios selecionados pelo editor ao mesmo tempo em que se deleitava com a leitura de um romance.

¹⁷ RODRIGUES, João Bartolomeu. A educação na revista *O Panorama*. Vila Real: Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, 2008 (Educação, tese de doutorado). Tomo I.

¹⁸ SANT’ANNA, Benedita de Cássia Lima. *O Panorama (1837-1868): História de um jornal. Patrimônio & Memória*, São Paulo, v.4, n.º.2, p.236-254, junho de 2009.

¹⁹ RODRIGUES, João Bartolomeu. A educação na revista *O Panorama*. Op. cit.

²⁰ SANT’ANNA, Benedita de Cássia Lima. *O Panorama (1837-1868): História de um jornal*, p.239. Op. cit. RODRIGUES, João Bartolomeu. A educação na revista *O Panorama*. Op. cit.

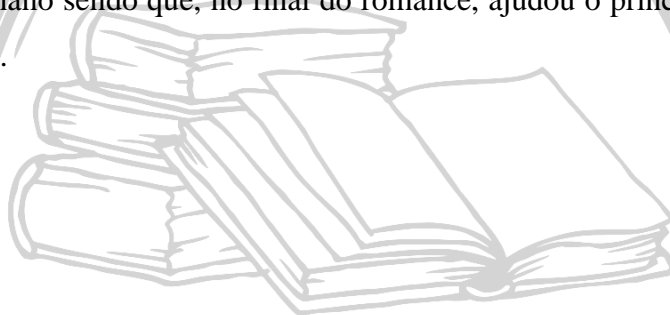
²¹ CATROGA, Fernando. “Alexandre Herculano e o Historicismo Romântico”. Op. cit.

Segundo Catroga, por meio das narrativas históricas era elaborada uma educação do presente, e procurava-se a identificação do leitor “*com os heróis, encarnadores de valores espirituais e cívicos, que assim era convidado a reviver um passado verosímil e variado*”.²² Ao mesmo tempo, ensinava também a sua vertente do que deveria ser o novo governo português, em uma época em que se discutiam os caminhos a tomar.

A leitura era considerada de profunda importância e, apesar de maior parte da população ser analfabeta,²³ uma das funções do periódico e, no caso, do romance histórico, era tentar reverter esta condição. A instrução parecia ser a opção mais forte para, ao menos, amenizar o clima de revoltas e instabilidade, melhorar a condição intelectual do país e também ensinar a população a controlar suas próprias paixões diminuindo o nível de violência.²⁴

AS HIPÓTESES DESENVOLVIDAS ATÉ O MOMENTO

Levando este contexto em consideração e tendo por base a leitura inicial das fontes que foi feita até agora, acredito que algumas hipóteses possam ser colocadas. A primeira é a de que, para Herculano, a história não era feita apenas de grandes homens, mas também dos que foram ignorados até então e que eram vitais para o seu desenvolvimento. Sinal disto é o personagem principal: primeiramente o próprio romance ganha o nome de um personagem que não é considerado uma grande figura histórica, principalmente se considerarmos que se trata do episódio de independência portuguesa; em seguida, o bobo era um personagem vingativo, desprezado por muitos e não gostava do conde castelhano sendo que, no final do romance, ajudou o príncipe e seu exército a vencer a batalha.



²² CATROGA, Fernando. “Alexandre Herculano e o Historicismo Romântico”. Op. cit. p.54.

²³ Nos anos 1850, apenas 15% da população portuguesa era alfabetizada. Um número ainda menor se comparado com os índices de 70% da Inglaterra e 55% da França. Paulo Motta utiliza estes dados para também afirmar que um escritor em Portugal raramente arriscaria sobreviver se dedicando somente a um único gênero literário. OLIVEIRA, Paulo Motta. Cartografia de Muitos Embates – A Ascensão do Romance em Portugal. *Floema*, Ano VII, n.9, p.249-282, jan./jun. 2011.

²⁴ RODRIGUES, João Bartolomeu. A educação na revista *O Panorama*. Op. cit.

De acordo com Paulo Motta ²⁵, o personagem do bobo representa a independência de Portugal baseada na ação de homens menores e atos vingativos, ou seja, isso retira o peso das mãos das grandes figuras tidas e construídas como gloriosas, para mostrar outra vertente da realidade humana, baseada em atos cotidianos e, muitas vezes, mesquinhos, de cunho pessoal, que acabam tendo uma significação maior do que a almejada. Nesse sentido, acredita-se que haja uma dupla vertente na perspectiva de história escrita por Herculano, na qual grandes homens agem e são importantes, mas em contato com figuras igualmente fundamentais, muitas vezes anônimas ou esquecidas.

Infere-se também que o bobo seja representante de uma população buscando vingança contra os maus tratos ²⁶ – e por isso a preocupação com a violência descontrolada – de uma nobreza estrangeira, que favorecia outros estrangeiros mais que portugueses. Nesse sentido, o bobo que apanhava e era constantemente humilhado pelo conde da trava, mas nunca maltratado por portugueses nem mesmo pela rainha, só tinha ódio do conde estrangeiro e de seus cavaleiros. Deste modo, ele parece mostrar o quanto os outros desvalorizavam os cargos e tradições portuguesas, mais uma vez afirmando a importância da manutenção destas frente ao “novo” trazido pelo exterior ²⁷.

Outra questão também aparente é com relação às atitudes violentas. Em *O bobo* Herculano escreveu que aqueles eram tempos em que as paixões eram menos controladas. As narrativas literárias deste autor, de modo geral, trazem um aspecto de tentativa de controle e limitação sobre as ações da população ²⁸. O século XIX foi pautado por guerras

²⁵ OLIVEIRA, Paulo Motta. Alexandre Herculano: malhas da história, armadilhas da ficção. In: Paulo Motta Oliveira; Maria Cecília Bruzzi Boechat; Silvana Maria Pessoa de Oliveira. (Org.). *Romance Histórico: recorrências e transformações*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2000, p. 129-149.

²⁶ Esta hipótese veio em parte de inspiração do texto escrito por Paulo Franchetti no qual o autor afirma que o bobo seria o representante da classe média buscando vingança contra a nobreza. Acredita-se aqui que ainda não havia uma noção de classe média no século XIX português na temporalidade em que o romance foi publicado, mas que o bobo pode ser considerado representante de uma parcela da população em busca de vingança, não contra a nobreza em geral – o que poderia gerar uma mudança de hierarquias sobre a qual Herculano não era favorável – mas sim contra a figura estrangeira que oprimia e desvalorizava os portugueses. FRANCHETTI, Paulo. “As origens da nação portuguesa: Romance histórico de Herculano”. *Romance Histórico de Herculano*. Disponível em <<http://paulofranchetti.blogspot.com.br/2013/06/romance-historico-de-herculano.html>>. Acesso em setembro/2014.

²⁷ No conto há uma parte em que o bobo é apresentado ao leitor e o autor afirma que conde Henrique, marido falecido de D. Thereza, sabia a importância de um bobo da corte e valorizava-o. No final do romance, com a ascensão de Afonso Henriques, o bobo voltou a seu lugar de destaque na corte, próximo ao rei, mais uma vez sendo reconhecido como parte vital do funcionamento desta.

²⁸ CRUZ, Carlos Eduardo. Do exílio ao exílio: Alexandre Herculano no liberalismo português. *Revista Garrafa* (Programa de Pós-Graduação em Ciência da Literatura), Rio de Janeiro, n. 20, jan/abr. 2010. Disponível em: <http://www.letras.ufrj.br/ciencialit/garrafa/garrafa20/carloseduardodacruz_doexilioaoexilio.pdf>.

civis e conflitos em Portugal, por meio dos quais Herculano pôde ver a ação das populações e o quanto a incitação a uma revolta popular poderia ter resultados imprevisíveis. Deste modo, ressaltando o aspecto educativo de seus escritos literários, em muitos a população é caracterizada como uma camada indefesa que precisa da proteção de seus senhores, ou então como desenfreada e sem limites, que traz consigo uma “índole sanguinária” quando a violência é começada. Então há a preocupação em tentar educar e controlar esta tendência violenta ²⁹ ditando comportamentos por meio dos textos literários.

Ao mesmo tempo, os personagens são colocados como pessoas que, de fato, se deixam levar por suas emoções, com exceção da rainha, o conde e o príncipe, que são um pouco mais contidos. Seus cavaleiros, no entanto, são fortes símbolos desta violência da nobreza. No final do romance, os dois cavaleiros e a dama morrem ou em combate ou de tristeza. Sem negar esta parte estética da primeira fase do romantismo, na qual a morte é sempre presente, há também certa colocação com relação ao que ocorre quando a população não é controlada. A partir da análise de outro conto de Herculano, *A Abóbada*, fica clara esta questão de a violência que parte de uma camada nobre legitimada pelo rei ser justificável enquanto a violência popular ser motivo de medo e incertezas. ³⁰

O fato de a revolta de o bobo ser apenas contra quem o maltratava, nunca desejando mudar de cargo ou ascender socialmente é parte de outra hipótese: de que a hierarquia não é questionada. Tanto no bobo, que busca vingança, como nos cavaleiros, que também buscam vingança devido à um ódio mútuo envolvendo motivos amorosos e políticos, a hierarquia é mantida. Segundo Ana Nemi ³¹, um dos motivos do estado de decadência portuguesa, para Herculano, era o fortalecimento do poder absolutista da monarquia. Isto seria uma traição à ideia de liberdade, tão cara para o autor e para os novos movimentos liberais que se delineavam desde os anos 1820. Ao mesmo tempo, a monarquia nunca foi questionada por seus escritos. Ele buscava um governo liberal com

Acesso em 25 ago. 2012. NEMI, Ana Lúcia Lana. Alexandre Herculano e a escrita da História. In: PRADO, Maria Emília. *Atas do IX Colóquio Internacional Tradição e Modernidade no Mundo Ibero-Americano*. Rio de Janeiro: UERJ/Universidade de Coimbra, 2012.

²⁹ NEMI, Ana Lúcia Lana. Alexandre Herculano e a escrita da História. *Op. cit.*

³⁰ NEMI, Ana L. L. “Alexandre Herculano e a escrita da história no conto ‘A Abóbada’”. *Op. cit.*

³¹ NEMI, Ana L. L. “Decadência e singularidade na historiografia ibérica”. Anais do XIX Encontro Regional de História: Poder, Violência e Exclusão. ANPUH/SP-USP. São Paulo, 08 a 12 de setembro de 2008.

bases representativas que não cerceariam as liberdades políticas e individuais dos seus súditos.

O estabelecimento das nações e de um chamado nacionalismo até meados do século XIX ocorreu por um viés cultural de autoafirmação³². No caso de Portugal, dialogou com o ocorrido nos territórios de língua alemã onde se valorizava muito mais a continuidade com o passado e a preservação de tradições, do que a ruptura para a consolidação da nova nação³³. E isso tudo principalmente após os levantes ocorridos durante e após a invasão francesa no território e a vinda da corte para o Brasil, período no qual a população passou a tomar parte em ações, envolvendo-se cada vez mais em conflitos civis.

Uma população cujas atitudes fossem controladas, ao invés de se rebelarem em constantes revoltas; que tivesse conhecimento do seu passado enquanto coletivo e que praticasse estes valores veiculados pelas narrativas seria um primeiro passo para a saída do estado de decadência constatado pelo letrado. A ideia de continuidade com um passado longínquo e idealizado traria um sentimento de estabilidade e uma identificação com uma história que já teria sido envolta por glórias, restando apenas reconquistá-las por meio da recuperação dos valores que teriam sido perdidos, mas que seriam mais uma vez ensinados através da divulgação destes contos.

Nesse sentido, a busca por uma noção de liberdade – tanto política como liberdades individuais – é fundamental nos escritos de Herculano, assim como a busca por raízes históricas que pudessem proporcionar uma legitimidade “natural” para os países, dentre eles, Portugal³⁴.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BIBLIOTECA Digital. In: Biblioteca Nacional de Portugal. <<http://purl.pt/23739>>.

ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

³² ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

³³ NEMI, Ana Lúcia Lana. Faces do mundo ibérico na contemporaneidade: humanismo fundamental e circunstância diferencial? *Anais do XXVII Simpósio Nacional de História ANPUH*. São Paulo, jul. 2011.

³⁴ NEMI, Ana L. L. “Alexandre Herculano e a escrita da história no conto ‘A Abóbada’”. Op. cit.

CATROGA, Fernando. “Alexandre Herculano e o Historicismo Romântico”. In: TORGAL, L.R.; MENDES, J.A.; CATROGA, F. (Autores). *História da História em Portugal: séculos XIX-XX*. Portugal: Temas e Debates, 1998. Cap. 2, pp.45-98, v. 1: A História através da História.

CRUZ, Carlos Eduardo. Do exílio ao exílio: Alexandre Herculano no liberalismo português. *Revista Garrafa* (Programa de Pós-Graduação em Ciência da Literatura), Rio de Janeiro, n. 20, jan/abr. 2010. Disponível em: <http://www.letras.ufrj.br/ciencialit/garrafa/garrafa20/carloseduardodacruz_doexilioaoexilio.pdf>.

FRANÇA, José-Augusto. *O romantismo em Portugal – estudo de factos socioculturais I: os anos de inocência, os anos de loucura*. Castelo Branco: Horizonte; 197?.

FRANCHETTI, Paulo. “As origens da nação portuguesa: Romance histórico de Herculano”. Romance Histórico de Herculano. Disponível em <<http://paulofranchetti.blogspot.com.br/2013/06/romance-historico-de-herculano.html>>.

HERCULANO, Alexandre. “O bobo”. In: *O panorama: jornal litterario e instructivo da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Úteis*. V.2, 14/janeiro/1843. Lisboa: Imprensa da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Úteis, 1837-1868.

_____. *Lendas e Narrativas*. 2.ed. Lisboa: Casa da Viúva Bertrand, 1858.

HOBBSAWM, Eric J. *A Era das Revoluções: Europa 1789-1848*. Rio de Janeiro: Paz e Terra; 2009. 24ªed. 464p.

MATOS, Sérgio Campos. *Historiografia e memória nacional no Portugal do século XIX (1846-1898)*. Lisboa: Colibri, 1998.

NEMI, Ana Lúcia Lana. Alexandre Herculano e a escrita da História. In: PRADO, Maria Emília. *Atas do IX Colóquio Internacional Tradição e Modernidade no Mundo Ibero-Americano*. Rio de Janeiro: UERJ/Universidade de Coimbra, 2012.

_____. “Alexandre Herculano e a escrita da história no conto ‘A Abóbada’”. In: ALMEIDA, Néri de Barros; NEMI, Ana L. L.; PINHEIRO, Rossana A. B. (Orgs.). *A construção da narrativa histórica: séculos XIX e XX*. Campinas: Editora da Unicamp, São Paulo: Fap-Unifesp, 2014.

_____. “Decadência e singularidade na historiografia ibérica”. Anais do XIX Encontro Regional de História: Poder, Violência e Exclusão. ANPUH/SP-USP. São Paulo, 08 a 12 de setembro de 2008.

_____. Faces do mundo ibérico na contemporaneidade: humanismo fundamental e circunstância diferencial? *Anais do XXVII Simpósio Nacional de História ANPUH*. São Paulo, jul. 2011.

OLIVEIRA, Paulo Motta. Alexandre Herculano: malhas da história, armadilhas da ficção. In: Paulo Motta Oliveira; Maria Cecília Bruzzi Boechat; Silvana Maria Pessôa de

Oliveira. (Org.). *Romance Histórico: recorrências e transformações*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2000, p. 129-149.

_____. Cartografia de Muitos Embates – A Ascensão do Romance em Portugal. *Floema*, Ano VII, n.9, p.249-282, jan./jun. 2011.

RODRIGUES, João Bartolomeu. A educação na revista *O Panorama*. Vila Real: Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, 2008 (Educação, tese de doutorado). Tomo I.

SANT'ANNA, Benedita de Cássia Lima. *O Panorama (1837-1868): História de um jornal*. *Patrimônio & Memória*, São Paulo, v.4, n.º.2, p.236-254, junho de 2009.

SKINER, Quentin. “Significado e compreensão na história das ideias”. In: *Visões da política: sobre os métodos históricos*. Portugal: Difel, 2005.

